



Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul



CADERNO DE  
DEZEMBRO  
1998  
Nº 4  
LITERATURA

## SUMÁRIO

<b>MENSAGEM</b> .....	2
<b>EDITORIAL</b> .....	3
<b>CORREIO</b> .....	3
<b>POESIA</b>	
A torre sem degraus, de Drummond .....	4
Carlos Saldanha Legendre	
Meu caro Jorge .....	5
José Carlos Laitano	
Final .....	6
Nelson Oscar de Souza	
Prece de Natal .....	6
Tupinambá Miguel Castro do Nascimento	
Espaços .....	7
Ítalo Cauduro Jr.	
Três quadrinhas .....	7
José Nedel	
Tapera .....	8
Gabriel Pereira Borges Fortes	
A visita .....	9
Diógenes V. Hassan Ribeiro	
Morte Viva .....	10
Cyro Púperi	
<b>NARRATIVA</b>	
Maria Rita .....	11
José Carlos Laitano	
A temura do louco .....	12
Afif Jorge Simões Neto	
Perdas .....	13
Jane Fischmann	
Labirintos .....	14
José Carlos Teixeira Giorgis	
Decifra-me .....	15
Delmar Hochheim	
<b>ARTIGOS</b>	
Anúncio .....	17
Cristiano Graeff Jr.	
A odisséia de Charles Chaplin .....	18
Wilson Chagas	

## EXPEDIENTE

Presidente AJURIS: Antonio Guilherme Tanger Jardim  
Diretor Departamento de Cultura: José Carlos Laitano  
Diretora Artes Plásticas: Sônia Heinz  
Diretor Caderno de Literatura: Jorge Adelar Finatto  
Impressão e Acabamento: Metrôpole Indústria Gráfica  
AJURIS: Celeste Gobbato, 229 – 5º andar  
90110-160 Porto Alegre-RS – Fone: (051) 211-5177  
E-mail: ajuatend@pro.via-rs.com.br

## MENSAGEM

Nossa viagem literária nos levou a lugares infindáveis e fantásticos em 1998. O Caderno de Literatura fecha este ano com a certeza de ter contribuído para divulgar a produção cultural dos juízes e, conseqüentemente, aproximar a magistratura da sociedade. Tal êxito seria impensável se não tivéssemos a participação fiel de nossos colaboradores.

Assim, no limiar do início de uma nova jornada literária, expresso aqui meu agradecimento a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para tornar real nosso sonho, e aproveito o momento para manifestar meu desejo de que a sensibilidade e alegria estejam presentes em nossas vidas em todos os dias do ano vindouro.

**Antonio Guilherme Tanger Jardim**  
Presidente da AJURIS

O Caderno de Literatura, em sua quarta edição, consolida este importante espaço cultural destinado a divulgar a produção literária dos magistrados.

Diante do cotidiano tantas vezes adverso, é preciso encontrar forças e não desistir da sensibilidade, que nos faz participantes da realidade e dos sonhos deste País.

Vale a pena seguir em frente.

Aos leitores e colaboradores o nosso agradecimento e votos de um feliz 1999.

**Breno Moreira Mussi**  
Vice-Presidente Cultural

## EDITORIAL

**P**alavras. Fazem-nos viajar no desconhecido, varar a memória. Alumiam o calabouço. Com elas buscamos traduzir o inefável, tocar as pessoas. Traçamos o amanhecer.

A vida é curta demais para contentar-se com palavras, afirma o filósofo André Comte-Sponville. Mas logo acrescenta: "É difícil demais, porém, para dispensá-las" (in "Bom Dia, Angústia!", Martins Fontes).

Estamos vivos e é preciso registrar esse sentimento urgentemente. É disso que nos dão conta os poetas e escritores que colaboram nesta quarta edição do Caderno de Literatura.

Convém lembrar que ganha força a idéia de editar, no ano que vem, uma antologia com

poemas, contos, crônicas e artigos, sem prejuízo da publicação regular do Caderno. Isso se deve ao crescente interesse dos colaboradores.

Importa fazer um agradecimento especial às manifestações de estímulo recebidas dos Colegas magistrados ao longo do ano, bem como agradecer o incentivo de importantes representantes da cultura brasileira.

Até breve, Amigos, e que 1999 seja um tempo de harmonia e delicadeza em nossos caminhos.

**Jorge Adelar Finatto**  
*Diretor*

## CORREIO

Agradeço muito a gentileza de enviar-me um exemplar do Caderno de Literatura, do Projeto DivulgaArte. Cumprimento-o pelo trabalho que achei muito interessante e que certamente representa mais uma importante contribuição cultural. Aproveite a oportunidade para enviar-lhe o meu cordial abraço.

**Ivo Pitanguy**  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Departamento de Cirurgia Plástica*

Recebi um exemplar, o de nº 3, que V. S. me enviou, anexo a carta sua datada de 22 de agosto passado.

Deu-me ela a satisfação de ver a dedicação dos magistrados à Literatura. Vão, assim, meus sinceros agradecimentos, Atenciosamente,

**Antonio Houaiss**  
*Academia Brasileira de Letras*

Agradeço a oferta do terceiro número do "Caderno", e cumprimento-os pela feliz idéia de divulgarem a literatura. Muito cordialmente,

**Nélida Piñon**  
*Academia Brasileira de Letras*

Recebi o interessante caderno de leitura "Projeto DivulgaArte", publicado por essa prestigiosa entidade.

No ensejo, agradeço a gentileza de Vossa Excelência, renovando protestos de elevada estima e distinta consideração.

**Antonio Carlos Viana Santos**  
*Presidente da Associação Paulista de Magistrados*

Em nome do Dr. Roberto Marinho, agradeço envio de exemplar do Caderno de Cultura dessa entidade.

Com nossos cumprimentos cordiais,

**Prof. Walter Poyares**  
*Assessor Executivo da Presidência, "O GLOBO"*

Temos a grata satisfação de saber que os nossos magistrados, além das sábias sentenças que prolatam, encontram recreação na arte de escrever e poetar, meios pelos quais saem dos gabinetes para uma comunicação maior com a alma do povo. Aplaudimos.

**José Moreira da Silva**  
*Presidente da Academia Literária Gaúcha*

## A TORRE SEM DEGRAUS, DE DRUMMOND

Carlos Saldanha Legendre

No 43º andar, um poeta menor, ou arquiteto do sonho, propõe-se continuar a construção, ou subida, na certeza de que o amanhecer, por primeiro, acorda as janelas mais altas da torre.

No 44º, um morto, sozinho, ainda sob o fastio do mutável e precário, ocupa-se em dar curso a seu próprio enterro.

No 45º, alguém se rebela, alguém se ergue sobre pés de robustos pensamentos, olha em torno e ao longe, para logo dizer, aos soluços, que nem tudo está perdido.

No 46º, não há janelas nem portas. Porque é noite, entra-se pelo sexo, às carreiras, entoadando um canto às origens, até alcançar, em êxtase, a aurora da placenta.

No 47º, o silêncio é ovo, vertendo a gema do espanto.

No 48º, a torre começa a apresentar uma inclinação, cujo nevoeiro torna impossível precisar se para direita ou esquerda.

No 49º, sendo o ar mais rarefeito, o poeta-arquiteto inaugura uma estação de metrô, a quem quiser voltar.

No 50º, um escafandrista e um astronauta, amputados de som, discutem a solidão dos limites.

No 51º, os miseráveis, os toxicômanos, os suicidas, os que não ganharam sequer a soleira da porta, se falassem, certo diriam:

*– Deus é uma casa com imensos vazios, onde o desespero arrasta amargas chinelas.*

No 52º, nada mais que uma longa e estreitíssima serpentina, por meio da qual o visitante se filtra ao andar superior.

(O 53º andar está desabitado: o mistério sofreu ação de despejo).

No 54º, assiste-se ao último filme de Buñuel. A certa altura, os personagens abandonam a tela e vêm sentar entre os espectadores.

No 55º, o mais comovente: um cego guia os passos de outro, enquanto, sobre eles, em revôo, um bando de pássaros põe em votação os limites da primavera.

No 56º, um pároco de aldeia, que em vão ousou digerir o matambre das teologias, joga-se da janela, enforcando-se com oito metros de seu próprio intestino. À distância, sobre um casulo de águas furtadas, um velho campanário se desfolha em pombas.

No 57º, um jardim, onde árvores passeiam de galhos dados, e a água sobe da fonte até o lábio ressequido da estátua.

No 58º, se resistido o fascínio, convém cruzá-lo às pressas, porque a cada três segundos, em sua órbita, estruge a ameaça de um satélite, com o universo amarrado a seus cabelos.

No 59º, ao atingi-lo, um bocejo divino, como bênção ou milagre, estende ao visitante uma bandeja de nuvens recém colhidas.

No 60º, atendido por anjos subversivos, um bazar entrega catálogos a venda, nos quais se escolhe o pecado com que se deseja entrar na morte.

A partir de aí, pouco ou nada mais se sobe. De raro em raro, a boiar entre dois continentes, estes molestos e estranhos salvados: - trinta gramas de reboco arrancado a um pilar da infância; a nudez de uma cicatriz que o tempo foi cerzindo à cintura da esperança; e mais que tudo, aquela meia palavra de amor, que sangrei entre os lábios.

Desembargador-RS  
Autor do Livro "INVENTÁRIO DO CANTO",  
Ed. Cultura Contemporânea, 1971



## MEU CARO JORGE

a jorge finatto e seu livro o habitante da bruma

José Carlos Laitano

Meu caro Jorge  
ao deparar com teus versos  
desejei construir rimas  
mas de poemas nada sei  
sou operário.  
Apenas sinto.

Lembrei-me garimpar palavras alheias  
expressar as dores e alegrias que  
brotam do texto  
mas de poemas nada sei  
sou falsário.  
Minto.

Quando li que a poesia é teu jeito  
de suportar  
e que os poetas continuarão violando as sombras  
meu coração encheu-se de verdades  
que não soube transcrever  
porque de poemas nada sei  
sou escriba ordinário.  
Apenas sofro.

Juiz de Direito – P. Alegre

Diretor Departamento de Cultura da AJURIS

<http://www.pro.via-rs.com.br/pessoais/rlaitano>

Obras publicadas:

- Minha mulher chamava-se Jarbas – Ed. Movimento/89 (Contos)
- Crônica da paixão inútil – Ed. Movimento/92 (Romance)
- Jogo do passa-conto – Ed. Italiana/95 (Romance)
- Bianca di Morano – Ed. Movimento/98 (Romance)

## FINAL

Nelson Oscar de Souza

Só ela  
Nos dá

Pequenina  
E ou mirífica

O único  
Verdadeiro  
Sentido  
De ser

Aqui  
Agora  
Sempre

Só ela  
Quando vier

Quando para os outros  
Vier

Minimamente  
Mirífica

13.07.1998

Desembargador – RS

## PRECE DE NATAL

Tupinambá Miguel Castro do Nascimento

Senhor, venho pedir-Te, ajoelhado,  
Pelo Teu filho que morreu na cruz,  
Um pouco mais de amor, que se reduz,  
Para este mundo já tão conturbado.

Que a questão social que se produz  
Neste momento, em dia contristado,  
Tenha uma solução, um resultado  
Equânime, cristão, cheio de luz.

Senhor, em nome de Teu filho santo,  
Quero ouvir, pelo mundo, risos, cantos  
E o repicar dos sinos de Belém.

Saúde, paz, amor nos corações,  
A crença em Ti, em tuas orações,  
Enfim, em Teu reinado bom. Amém.

27.03.1979

Desembargador – RS

## ESPAÇOS

Ítalo Cauduro Jr.

A ave, a nave, ...  
A chuva que encharca a laje  
Há ferrugem na navalha  
Um grito sufocado no vazio  
Pelo chão, fragmentos de pão  
Em resposta, inflexível não.

E o homem, na varanda da vida, se coça...  
faz troça

No céu há o cometa  
A distância entre o olho e a luneta

Um poeta ébrio que declama ao nada

Há beleza no nariz da bruxa  
Há rudeza do condão da fada.

*Juiz de Direito – P. Alegre*

## TRÊS QUADRINHAS

José Nedel

### I – SIMPLICIDADE

Minha alma a íntima beleza  
E o mistério do mundo alcança,  
Quando contempla a natureza  
Com olhos simples de criança.

### II – POETA

Contempla o poeta, com sua alma pura,  
As coisas – até o mais humilde ser.  
E empresta-lhes seu verbo de ternura.  
Diz o que as coisas queriam dizer.

### III – TERRA E CÉU

A terra, para quem tem vista preta,  
É só terra. Assim pensa tanta gente.  
A terra não é terra simplesmente.  
Também é céu – aos olhos de um poeta.

*Juiz de Direito – RS*

#### Obras publicadas:

- Crítica da Razão Popular. Aparecida-SP: Santuário, 1990.
- Em Defesa da Vida (co-autoria). Porto Alegre: IDC, 1994.
- Maquiavel: Concepção Antropológica e Ética. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- Ética, Direito e Justiça. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

## TAPERA

G. P. Borges Fortes

Morocho folheira,  
Mas desalmada,  
Refugou camote  
E abriu o pano...  
Deixou-me só!  
Tironaço no meu peito,  
Que virou  
Tapera!

Tanto tempo...  
Tempo longe já vai  
Daquele dia de mágoa!  
Ficou minha alma vazia...  
Tapera!

Vazia?  
Que nada!

Foi embora a alegria,  
Mas ficou a saudade...  
Tapera!

A alegria,  
Presença sua  
Até aquele adeus...  
Depois,  
Sem ela,  
Tapera!

A saudade,  
Imagem dela  
Na retina da memória,  
Mas,  
Sua ausência,  
Tapera!

Tapera só!

*Juiz de Direito – RS  
Porto Alegre, 1998, outubro*

## A VISITA

**Diógenes V. Hassan Ribeiro**

Estava lá o velhinho  
Sentado na cama  
Os olhos presos no chão  
Lembrava com ânsia  
Daqueles tempos de outrora  
Quando podia mostrar o brasão  
Ganhado na guerra  
Sem recordar em que ano

Lembrava também dos netinhos  
Quiçá homens feitos  
Os quais não pudera criar  
Não pudera lhes contar estórias  
Tampouco lhes dar um quente colinho  
Estava lá o velhinho

E, sentado,  
Lembrava da vida que,  
De tão curta,  
Havia passado  
Seus olhos agora viajavam  
Punham-se num canto  
Na janela, na porta, no alambrado  
Esperava uma visita  
Que não vinha!

*Juiz de Direito – P. Alegre*

## MORTE VIVA

a Franz Kafka

Cyro Púperi

Quando tu fores ver a morte  
Com toda a calma na alma  
Saberás que o teu destino é inavegável.  
Cruzarás as cinzas da solidão  
Sem timão nem corrente gelada

Quando os olhos das nuvens  
Levantarem as cinzas da terra  
Tu não poderás permanecer no escuro  
E a canção que emerge dos poços  
Cansará de soar nos teus lábios  
Como um grito aflito do além

Saberás que a tua hora é chegada  
Mas não irás embora  
Vagarás pelos confins da agonia  
Sofrendo a constância dos sonhos  
E a inconstância da vida  
Enquanto que a morte ficará rindo

*Juiz de Direito – Gramado*

## MARIA RITA

José Carlos Laitano

Maria Rita, mulher de poucos defeitos (apenas um deles era suficiente para desgraçar sua vida, como dizia), tinha uma virtude preciosa: a praticidade.

Quando menina, leu e mastigou a obra máxima de Dale Carnegie: Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas. De todas as lições permaneceu uma: colaborar com o inevitável.

Colaborar com o inevitável foi o que fez ao longo da sua mocidade que, segundo seus cálculos, findou aos 32 anos. No grupo, sempre foi considerada a “simpática”, nunca “a boa”, a “gostosa”. E ficou solteira. Aos 27 anos desistiu de encontrar marido, transfigurou-se em “tia”, aderiu ao chá de erva cidreira e orientadora da parentela moçoila, as mulheres, é claro: homem é bicho, carnívoro e predador —come e joga o resto fora.

Colaborar com o inevitável foi sua atitude quando violentada sobre um túmulo, depois de acompanhar o estuprador numa caminhada desde o centro da cidade. Sempre considerou uma besteira a luta das mulheres contra seus agressores, o que só resulta em maiores lanhos e inchaços, o hímen vai pro bebeléu de qualquer jeito. Que fosse logo. E abriu as pernas e ordenou que o sujeito se aligeirasse.

Depois... como negar? Gostou. Levantou-se, limpou-se como pôde e disse ao homem que, olhando receoso para as galerias do cemitério, preparava-se para fugir:

– Seu desgraçado, agora vamos para um motel fazer a coisa direito.

O sujeito, atônito, não soube recusar e, resignado, acompanhou Maria Rita que chamou um táxi e mandou que o motorista seguisse em direção à Ipanema, mas, antes, que parasse numa farmácia para comprar camisinha.

Um mês depois o ... (estuprador/ sujeito/ companheiro/ amante) foi preso com meio quilo de cocaína. Maria Rita foi visitá-lo no presídio mas quando, na portaria, quiseram obrigá-la a despir-se completamente e acocorar para expelir o que tivesse ... isso em meio a dezenas de outras mulheres ... disse basta!, homem algum me obrigará a passar por isto.

Começou a receber recados do ... (sujeito/ companheiro/ amante)... e providenciou diversas vezes na remessa de pacotes de cigarro, dinheiro e, uma vez, um pouquinho de maconha.

Necessitava ganhar a vida, já que passara a morar sozinha, e a oportunidade surgiu ao acaso. Começou com um menino do apartamento vizinho. Quinze anos. Final de ano, mal em História, a mãe pediu ajuda. Maria Rita, num encontro de porta de corredor, mentiu dizendo-se professora de cursinho.

O socorro foi prestado ao garoto, cabelo comprido, rabo de cavalo, bermuda e tênis, o tênis numa desgraça só. Ele entrou no apartamento com o caderno dobrado debaixo do braço e um disco laser na mão.

– Só estudo ouvindo som – estabeleceu.

Foi no oitava ou décima aula, Maria Rita aprontava um doce no fogão e atendia o aluno sentado à mesa da cozinha. O calor forte, ela com blusa decotada e solta no corpo. Ao abaixar-se na sua direção, ele espichou os olhos. Ela notou e decidiu conceder-lhe uma gratificação.

A aula seguinte foi no sofá. Encostaram os joelhos. O garoto ficou nervoso, fechou as pernas. Maria Rita iniciou a aula pela questão antropológica:

– Sabe como se mede o homem? – mandou que o garoto se postasse em pé à sua frente. Ela sentada no sofá. Mediu o pé dele usando a mão, os dedos encostados como uma régua. A perna deve medir dez vezes mais, ou é deformado. Curvou-se e mediu a perna do calcanhar à virilha. Na penúltima etapa a mão tocou uma ponta dura como o aço e que se alongava calça abaixo. Maria Rita, sem tirar a mão, olhou para o garoto que a olhava com olhos mormacentos e boca aberta, numa completa entrega, numa completa espera. Ela manteve o ar professoral:

– O pau deve ter o tamanho do pé.

E completou a medição.

Maria Rita levantou-se, mudou a inflexão da voz e dirigiu-se à porta de saída, para abri-la:

– Amanhã trataremos do cruzamento das raças. Avisa a tua mãe que o preço subiu.

Dois dias depois surgiu o segundo aluno.

O ano terminou logo.

No recomeço das aulas o garoto retornou e Maria Rita despachou-o:

– No mínimo você deve tirar notas baixas para justificar aulas particulares.

Dois meses mais tarde algumas senhoras bateram à porta de Maria Rita reclamando a qualidade do ensino na escola pública, certamente resultado do baixo salário. Antes do final do primeiro semestre a agenda estava lotada, a conta bancária recheada. Os alunos compareciam vestidos com calção e receberam aulas de Geografia, Português e Matemática.

Uma tarde a campainha soou, Maria Rita atendeu: um rapazinho de 11 anos, quando muito, cabelos lisos, loiros e curtos, bem trajado, a mão enfiada no bolso, segurando alguma coisa.

– Tô mal – apresentou-se.

Maria Rita olhou os pés do pretendente e calculou o tamanho. Virei a puta do bairro, indignou-se, e para o desespero da turma C do colégio, encerrou as aulas particulares.

No começo do inverno surgiu um pai cursando a Faculdade de Administração, os vinte e cinco centímetros dos pés combinavam com o 1,75 de altura, as duas mãos nos bolsos da calça:

– Tô mal!

*Juiz de Direito – RS*

## **A TERNURA DO LOUCO**

**Afif Jorge Simões Neto**

Ele nunca saberá o aroma de um beijo colhido de doces lábios róseos, num cálido fim de tarde outonal. Jamais entenderá o significado da forma elíptica de um abraço de pai, antes de o último trem da madrugada levar a gente para muito longe das paisagens campônias que levemente nos fazem cativos.

Essas manifestações de querer bem nenhum tipo de sensibilidade lhe transmitem, mesmo porque são coisas indiferentes ao mutismo de seu mundo.

Caminha sonolento pelas calçadas empoeiradas da minha cidade, como a buscar a hora do encontro, marcado já faz tempo na próxima esquina, que ninguém sabe onde fica. Se os imaginários amigos lá não estiverem pequena importância fluirá. Um dia vai achá-los, sem pressa, quase sem roupa, sem ter nada o que indagar.

Por amor ao lúdico, nem toda a loucura necessitará de censura. Nem tudo do que é exposto pelo carnal invólucro será catalogado como gesto insano, pois nele reside uma gota de afeto.

Talvez o inverno, cantiga que vai silenciando sonhos, fabricando prantos, reprimindo desejos de se ancorar na simplicidade da dança de praças e ladeiras, o arraste para o seu mar de naufragos. E o nosso olhar, depois disso, guardará daquele vulto, perdido por entre essas ruas de mágicas poesias, onde desaparecem sombras sem rumo, não mais o espanto, mas uma vontade íntima, um desejo louco, de também ter sido como ele.

*Juiz de Direito – Pelotas*

## PERDAS

Jane Fischmann

Sentaram-se em “L”, na grande mesa da sala e trocaram olhares cúmplices, buscando cada um a aprovação do outro ou, quem sabe, tentando adivinhar quem ia tomar a iniciativa de falar.

O assunto era trágico.

Todos sentiam-se desconfortáveis e mantinham um intenso desejo de fuga, olhando disfarçadamente para o espaço de separação entre a mesa e a porta.

– Gostaríamos de conversar, Bárbara. Poderias interromper o teu desenho e prestar atenção?

Enquanto falava, a tia mais velha procurava dar uma entonação casual à voz que, no entanto, via-se embargada pela obrigação de iniciar o assunto.

A menina sentada num canto da mesa não levantou a cabeça, numa atitude indiferente, fazendo com que o mal-estar aumentasse.

Como sempre, isolava-se dentro de seus desenhos. Minúsculos, riscando a folha freneticamente, enchendo todo o papel de pequeninas bonecas. Bailarinas, trapezistas, em vestidos de gala, de biquíni, tristes, alegres. Neste momento escreveu em um cantinho da folha: – .....má.

Bárbara era miúda, apesar de estar no meio dos seus onze anos, com cabelos finos, lisos, e um olhar imenso, herdado da mãe. Quando os fixava em alguém, parecia rasgar, tragando a energia da pessoa para dentro de si. O nariz e a boca eram pequenos, completando o conjunto harmônico do seu rosto. Quando caminhava empurrava a bunda para trás e mantinha a cabeça demasiadamente ereta, imitando um porte de passarela.

Sabia que a “conversa” era com ela. Afinal tudo de importante, – e de ruim, que acontecia na casa, acabava sendo de sua responsabilidade.

Sua tia, a mais velha, conselheira eleita por unanimidade e omissão, continuava a falar.

– Proponho uma troca, dizia. Nada perde-se para sempre, na vida. Temos que pensar que tudo é contínuo, reciclável, apenas fazemos trocas, repetia didaticamente.

Bárbara pensava no absurdo da palavra – troca, pois até aquele momento não sabia o que

estava perdendo. Não podia, então, nada negociar.

– Uma caixa, pequena, de papelão, vamos pensar com calma...

A palavra “caixa” lhe trouxe lembranças especiais. Sem saber o porquê, relacionou com momentos de angústia vividos.

Começou a pensar no pai.

Não lembrava o momento da sua ida, pois era muito pequena quando se separaram. Tinha a imagem dele, bem à frente, com um sentimento triste de não conseguir, de memória, completar todos os traços. Os olhos, como os seus, dizendo tudo. Chegava de moto, barulhento, alegre e, para horror da avó, levando-a para passear. Eram amigos, conversavam muito. A notícia da morte veio junto com a noite, por isto a temia.

Ainda não tinha entendido direito o que tinha acontecido e passou muitos anos deprimida na escola, quando comemoravam o dia dos pais. Fazia lindos cartões e não tinha onde levá-los.

Outro dia a mãe entregou o apartamento.

– Muito caro para nós, ela dizia, enquanto encaixotava seus brinquedos. Suas “barbies” eram engolidas, junto com suas roupinhas de festas e os sapatinhos dourados. Pensou que talvez fosse para sempre ficar naquela caixa, que nunca mais veria suas bonecas. Não sabia. Não naquele momento. Mas algo foi consumido junto com seus brinquedos, coisa estranha, apertada, que se desprende de dentro e teimava, todos estes anos, em não regressar.

Jogou os desenhos no lixo e começou a prestar atenção no que falavam.

– Os vermes, continuava a tia. Coisa mais nojenta. Vomita grandes bichos por tudo, eu não agüento mais limpar. Acho que deram muito doce para o animal, criança pensa estar fazendo carinho.

Sua mãe fez uma careta indescritível e Bárbara começou a pensar no nojo que ela tinha de tudo que rastejava.

Sentia-se cansada, sem ânimo. Semana passada queixou-se para a mãe que esta com cólicas e dor de cabeça. Todo mundo dizia que era nervoso por causa das provas. Quando desenhava na mesa da sala, sentiu algo diferente, inesperado.

Esta situação não pode continuar, – dizia a tia. Continuavam falando nos “bichos” e na gata.

Uniu os dois e sentiu pavor.  
– lam levar a sua gatinha embora numa caixa porque estava doente, então era isto!

Alguém levantou-se e iniciou os preparativos. Mais uma vez esta estória, – ir embora, devorar...

Olhou pela janela no momento em que o tio se afastava, desajeitado, com a caixa embaixo do braço. Chovia e pensou, de maneira boba, que a gatinha ai se molhar.

Finalmente compreendeu. Dentro da caixa ia algo mais que o animal, assim como os brinquedos se foram.

Inundação dentro e fora. Chorava.

*Juiza Pretora – Cachoeirinha*

## **LABIRINTOS**

**José Carlos Teixeira Giorgis**

Era Domingo, fui encontrar meus amigos no centro comercial. A família viajara para o interior, e mesmo que o tempo não estivesse firme, não gostava da solidão da casa.

Lá a manhã ia passar breve, a conversa amena, discussão política, as lembranças da antiga Porto Alegre, as estirpes que se afundaram, o último filme. Enfim, conversa de homens.

De repente, alguém mirou o relógio, era hora de retornar. Um deles disse que o filho o esperava para um churrasco e um bom vinho. O outro estava iniciando nova relação, não podia se atrasar. O terceiro preferia o restaurante tradicional, com mesa já reservada. Quando me vi, estava só outra vez.

Olhei para os lados: aqui uma casa de massas, ali lanches, no segundo andar uma mesa de carnes, mais adiante propaganda de vegetais. Como me desculpo em regimes, preferi algo rápido, um pedaço de frango, alface, cenoura para os olhos, refrigerante dietético, nada de doce.

E fiquei nesse banquete bons minutos, fazendo de conta que era gostoso, mastigando as nervuras, trinchando os músculos da minguada ave, o copo anódino.

Quando saí, a chuva continuava forte e o vento escuro. Fechei a capa, desisti do guarda-chuva. O carro ficara no estacionamento, melhor aguardar.

Como estava frio, pensei em convencer a tarde procurando um café.

O guarda indicou o piso inferior, fui pelas escadas, até que descobri o bar num ângulo escuro. E que me surpreendeu.

Era pequeno, com mesas de mármore. As cadeiras tinham arabescos de ferro e, do teto, pendiam candelabros, onde velas artificiais projetavam uma luz pálida, como nos filmes europeus. Mas sem bruma ou fumaça, tive a certeza de que nenhum fantasma vinha tomar chá. O silêncio trocava instantes com os pingos remotos e com a música de violino. Quando veio o café, atentei para o balcão, onde conversavam o rapaz e a moça.

Ele era um adolescente, mas enganava a idade com o rigor do terno, a gravata bem posta,

os cabelos corretamente penteados, um porte erigido, firme. Os gestos lentos, segurava a xícara com elegância, e quando bebia, os lábios apertavam a louça e cheirava com desejo. A voz me aparentava soar como a pluma que desce no ar vago, uma litania.

Ela tinha beleza mediterrânea, a tez morena, os olhos pretos e largos. Um nariz helênico, a boca polposa que desvelava dentes perfeitos. Quando ria, no empíreo os tronos e as dominações cantavam hosanas, magoando os serafins. Era mais adulta que o rapazinho, e falavam com brandura, quase com afeto. Os seios arfavam debilmente no uniforme que trajava, como pássaros presos em jugo.

E aqui da mesa, sugando o café, mirava a embevecida cena, como o desencarnado que vê passar a agonia da vida. Longínquo e velho.

Quando ele se foi, cheguei ao balcão. Depois de pagar, louvei sua graça, era estrangeira? Não, filha de imigrantes, vieram da península. Estava agora providenciando sua cidadania para viajar, claro, quando juntasse recursos.

Coincidência, retruquei, meus avós eram da mesma região, e passei a contar as agruras das viagens, suas vicissitudes e glórias. Orientou-me sobre quem poderia auxiliar nas certidões que eu buscava, quis dar o número de seu telefone, mas não era preciso. Prometi voltar.

Na rua o sol tímido aquecia a umidade, um bêbado sorria. Dei moeda para um aleijado, os casais caminhavam abraçados.

Logo a vida seguiu, as mesmas consultas, os mesmos umbigos, honorários, um carro novo, alguma leitura, depois uns meses fora.

Na volta, fui com os amigos ao centro comercial. Inventei uma desculpa e me dirigi ao subsolo. Não sei se a pressa ou a falta de orientação me desviou do destino, pois nada encontrei. Repeti a busca dias após. E mais outra vez, sempre sem sucesso.

Como se andasse numa meada, subo, desço, dobro, ando, viro. Toda semana faço isso, mas não acho o café. Nem sua dona.

*Desembargador – RS*

## DECIFRA-ME

**Delmar Hochheim**

Não lembro muito bem quando aquilo começou. Vivo em companhia de meu filho, minha nora e meu três netos. Na verdade, moro de favor na casa deles, em um quatinho afastado da construção principal. Não me sinto integrado àquele núcleo familiar. Afinal, sou o velho, pertenço a outra geração, no meu tempo não havia shoppings e computadores, já vivi o que tinha de viver, sinto que queriam dar outra destinação ao aposento que ocupo. Considero-me excluído. Fico a maior parte do tempo trancado no quarto, lendo, pensando no passado, revendo fotos dos tempos felizes, olhando para o pátio vazio. Não me sinto parte da vida daqueles que seriam meus entes queridos, não participo do dia-a-dia deles. Terminadas as poucas tarefas a que me obrigo executar – para não enferrujar, de todo – recolho-me e ouço as conversas e risadas vindas da casa grande. Então, sento-me diante da porta de meu quarto e lanço em direção às estrelas um olhar súplice. Não chora, velho! Não é choro, dá um nó na garganta e o peito se encolhe. Meu filho não tem tempo para mim. Trabalha muito, passa o dia fora de casa. Quando retorna, conversa com a mulher e os filhos, procura ver um pouco de TV, mas dorme diante do aparelho, estirado no sofá. Ronca, ele chega a roncar. Já tentei brincar com meus netos, mas eles só querem ver televisão e jogar no computador. Tentei contar-lhes histórias, nós sentados no chão, sob uma árvore, os pássaros cantando, mas eles acharam muito cansativo e sem graça. Fiquei falando sozinho ou para os pássaros, se quiserem. Procurei fazê-los amarem os livros; comprei vários clássicos infante-juvenis; nem abriram, os livros mofam na estante. Assim, vivo sozinho, isolado em meu mundo, esperando a hora derradeira chegar.

Certo dia, quis dizer algumas palavras a meu filho, mas proferi mroa, rmao, raom, moar, maro, ramo, omar. Fiquei espantado, comecei a tremer, suar frio, apavorado, pois eu estava lúcido e em minha mente sabia perfeitamente o que pretendia dizer, mas só saía aquela algaravia. E meu filho gritando: não entendo, não entendo, fala mais devagar, pai. Acho que é uma desordem mental,

algo se embaralhou. Passei a proferir palavras sem nexos e ninguém me entende e isso me desespera. Ouvi o médico jovem tentar explicar a meu filho o que me acontecera. Sem sucesso, esclareço. Eu, no meio dos dois, emitindo sons incompreensíveis, provocando a irritação de ambos. Clinicamente, o velho não tem nada, deve ser doença mental, aconselho um psiquiatra, encerrou a consulta, vamos embora. Mesmo à noite, em meu refúgio, não paro de falar e o faço em voz alta, quero muito que me entendam, estou desesperado. Repito sempre a mesma ladainha: rmao, raom, moar, maro, ramo, omar. Omar, quem é Omar, não conheço nenhum Omar, ralhou meu filho. Por favor, pai, fala mais baixo. Como não paro, ouço meu filho gritar cala a boca, velho, preciso dormir. Minha nora, finalmente, deixou cair a máscara. Também não agüenta mais e me ofende, fala mal de mim para meu filho e ameaça ir embora, separar-se, levar os filhos, tudo por culpa do velho. Meus netos se afastam de vez. Não suportam aquele velho que só grita bobagens. As crianças olham-me assustadas. Levaram-me a um psiquiatra mas o médico perdeu a paciência e desistiu de entender o que havia comigo. Mandou que eu sumisse com minha algazarra verbal. Aparece cada um, disse ele, ao bater a porta às nossas costas. Interna ele, ouvi minha nora dizer quando voltamos para casa, caso contrário irei embora com meus filhos. Escolha, ou ele ou nós. Estamos todos na sala. Meu filho sentado, com a cabeça entre as mãos. Levanta-se e vem de dedo em riste, crescendo em minha direção. Chega! Grita. Olha aqui, pai, chega de fingir! Os médicos dizem que tu não tens nada, que só queres chamar a atenção, só. Meu filho, com o rosto vermelho, grita muito comigo. Repete que ninguém me suporta. Fala em internar-me. Diz que irá levar-me embora agora mesmo, vá, vá arrumar suas coisas e aponta para a porta dos fundos. Mais atrás, perto da porta de entrada, semi-encostada, sua esposa aguarda com os braços cruzados sobre o peito. Ao seu lado, as malas esperam, mudas. E os netos, colados à parede, observam a cena, olhos arregalados. Olho demoradamente para todos. Entro em pânico, as palavras proferidas por meu filho ainda vergastando meu cérebro. Internar-me, não! Penso, mas não consigo expressar meu protesto. Olho para o rosto de meu filho, olho-o nos olhos, fixamente, pare-

ce que irei estourar, meu rosto também fica rubro, irei morrer, faço um esforço para falar e de meus lábios, a muito custo, saem as palavras gritadas: roma, roma, enquanto grossas lágrimas descem pelo meu rosto. Meu filho fita-me perplexo, furioso, agora Roma, mas que Roma, mas que Roma? Todos estão tensos, estáticos, e no silêncio que se instalou ouvi meu neto mais velho – aquele que um dia será um profissional e um pai amado – gritar pai, pai, eu sei o que vò quer dizer, ele quer dizer amor, amor! É isso, é isso, eu desabafei e desabei, enquanto nos abraçávamos, chorávamos e ríamos, tudo ao mesmo tempo.

*Desembargador – RS*

## ANÚNCIO

Cristiano Graeff Jr.

Sempre pensei que os médicos tinham razão para penetrar na literatura por via de prosa. Passam a vida inteira a tratar do homem. Reservava à poesia aos predestinados. Assim me parecia natural ler um Dionélio Machado, um Pedro Nava desgastado pelos anos e publicando o "Círio Perfeito", mas não imaginava um profissional do direito praticando prosa, salvo se iluminado por uma luz especial, que o projetava entre os seus pares. Como acontecia com um Afonso Arinos ou Darcy Azambuja.

Foi por isso que sempre detestei o direito criminal, que versa sobre o homem em si. Foi necessário receber um puxão de orelhas, que me pôs no lugar, de meu professor Salgado Martins. Sem o penal, eu não faria a Faculdade. Logo ao formar-me, abandonei a matéria, que paradoxalmente me projetou na advocacia, através de memoráveis júris, de que guardo a observação do colega Marino Brum. Disse-me ele que admirava a minha humildade ao receber verdadeiras lições dos adversários, que ficavam sabendo que eu conhecia o assunto, quando lia tratados a respeito. Ele não sabia que eu preparava os júris, escolhendo as citações apropriadas ao caso.

Na qualidade de advogado, escrevedor irreverente de jornais, tinha inveja dos Juizes Manoel Celeste e José Bisol, que, ao lado dos

implacáveis Mário Bôa Nova, Túlio Martins e Celso Gaiger, cometiam suas poesias. No exercício individual da magistratura, assimilara, como excelente plagiador, o estilo seco, preso ao autos, do altaneiro Costamilan Rosa e do mordaz Arno Arpini, e, convocado para servir na Segunda instância, no Tribunal de Alçada, inspirava-me no exemplo do Des. Antônio Augusto Uflacker, autor do código e que o criara, sem jamais imaginar pôr em prática suas leituras, contrariando a orientação de Balthazar Barbosa e seus pares do Tribunal de Justiça, onde o Telmo Jobim dizia que certo desembargador conhecia mulheres e eu cachorros. Foi para transmitir esses conhecimentos que me aventurei a ser prosador.

O Caderno de Literatura, registrando a passagem pela poesia de Alphosus de Guimaraens, austero magistrado, que não abandonou a musa poética a despeito da aspereza da sua missão, me encorajou a praticar essa prosa, trazendo artigos de Afif Simões Neto, José Carlos Teixeira Georgis, José Carlos Laitano, Oswaldo Alvarez, Jane Fischmann, Wilson Chagas, Fernando Grassi e, sobretudo, do severo José Vellinho de Lacerda, que discorre sobre Gustav Vigeland. Anuncio-a, prometendo que não me afastarei dos bichos domésticos.

Desembargador – RS

## A ODISSÉIA DE CHARLES CHAPLIN

Wilson Chagas

Lendo as memórias de Charles Chaplin (*História da minha vida*, Livraria José Olympio Editora, RJ, 3ª edição, 1965), diante da pobreza de sua infância, logo nos ocorre um nome: Dickens. E por coincidência ou não, é este o primeiro escritor por ele próprio evocado, quando nos conta que foi ao presenciar representações de personagens de Dickens por um intérprete famoso que, além de lhe ser aberta “uma nova perspectiva do teatro”, se lhe “acendeu a curiosidade literária”, dando-lhe “vontade de conhecer o mistério que se emparedava nos livros”.

Uma biografia é o contrário de uma ficção: é como trocar a ficção pela realidade. Mas terminamos descobrindo que a realidade não é isenta de ficção, ou seja, nos prende tanto como esta. Lê-se a biografia de Chaplin como se fosse um romance. O interesse do leitor vai num crescendo. Fica-se imaginando se Carlito é tão bom escritor como artista. E nos perguntamos: terá mesmo sido ele quem redigiu as suas memórias?

Conviver com o século... é esta a sensação maior que nos dá esta *História da minha vida*, de Charles Chaplin, verdadeiras memórias do nosso tempo. Mas o que impressiona ainda mais é o autor rememorar cada acontecimento, desde a mais tenra infância, com precisão de detalhes – que incluem o valor exato das quantias pagas ou recebidas por isso ou por aquilo, no curso de sua vida. Não, isto terá sido preenchido pela imaginação do artista.

Durante toda a autobiografia, Chaplin é atento ao curso do destino. Nota, por exemplo, que não fosse ter tocado o telefone na hora em que ia saindo de casa, no quarto onde se alojava no Clube Atlético, em Los Angeles, no fim de 1917 (quando andava pelos vinte e oito anos), e o seu casamento com Mildred Harris não teria acontecido. Todos nós, para Chaplin somos infelizes. E os acenos felizes do destino acontecem de repente,

de forma inesperada. Várias vezes assinala a “boa sorte”, que teve, ou os seus felizes acasos.

A descrição dos primeiros dias de Chaplin nos Estados Unidos faz lembrar aos brasileiros os dois Gatos de Neve de Erico Verissimo (*Gato preto em campo de neve* e *A volta do gato preto*), com os seus relatos do viajante deslumbrado com tanta novidade. Nesse ambiente, o sonho de fazer fortuna logo se apoderou do jovem que fora criado, em Londres, na humilhação da maior pobreza. E a idéia de economizar, “o sonho de fazer fortuna”, sempre o acompanhava.

E como gostava de representar ... Não me refiro aos papéis teatrais ou cinematográficos, mas as atitudes assumidas na sua própria vida. Seja se fazendo de importante no dia de férias que se concedeu, quando alugou um quarto no elegante Hotel Astor, em Nova Iorque, seja quando lhe ofereciam quantias elevadas para trabalhar noutras companhias, e ele se fazia de difícil, dizendo que só aceitaria a oferta por tantos dólares a mais.

O tipo clássico do Carlito, que ele eternizou, ocorreu-lhe quando se dispôs a fazer uma caracterização cômica, no início do seu trabalho para Mack Senet, da Keystone Comedy Film Company.

– Precisamos de umas graças aqui – disse ele, voltando-se para mim. – Vá arranjar uma caracterização cômica. Qualquer uma serve. Eu não tinha a menor idéia sobre a caracterização que iria usar. Mas não tinha gostado da que apresentara como repórter. Contudo, a caminho do guarda-roupa, pensei em usar umas calças bem largas, estilo balão, sapatos enormes, um casaquinho bem apertado e um chapéu côco pequenino, além de uma bengalinha. Queria que tudo estivesse em contradição: as calças fofas com o casaco justo, os sapatos com o chapeuzinho. Estava indeciso sobre se devia parecer velho ou moço, mas lembrei-me de que Sennett esperava que eu fosse mais idoso e, por isso, adicionei ao tipo um pe-

queno bigode, que, pensei, aumentaria a idade sem prejudicar a mobilidade da minha expressão fisionômica.

Não tinha nenhuma idéia, igualmente, sobre a psicologia do personagem. Mas, no momento em que assim me vesti, as roupas e a caracterização me fizeram compreender a espécie de pessoa que ele era. Comecei a conhecê-lo e, no momento em que entrei no palco de filmagem, ele já havia nascido. Estava totalmente definido. Quando cheguei em frente de Mack, entrei no personagem, andando em passos rápidos, girando a bengalhinha diante dele. Incidentes e idéias cômicas vinham em tropel à minha mente.

“Na época dos meus problemas domésticos com a Segunda esposa”, escreve ele, sem mais aquela, a propósito de uma conversa com sua mãe, que havia trazido para os Estados Unidos. E o leitor se dá conta de que ele nada falou, até então, desse segundo casamento. Só havia falado do seu casamento com Mildred Harris, de quem pouco tempo depois se divorciara. Algumas linhas mais adiante, refere que sua mãe vinha seguido à sua nova residência de Beverly Hills, “para ver meus meninos Charles e Sydney”. À p. 305 esse casamento é anunciado de passagem, num breve parágrafo: “Quando filmava Em busca do ouro, casei-me pela segunda vez. Não entro em pormenores, porque temos dois filhos que adoro. Ficamos casados dois anos e tentamos continuar, mas não houve jeito e tudo acabou com muita amargura”. À p. 320 há outra referência rápida a esse segundo casamento, a propósito da sua ida ao México, com W. R. Hearst e Marion Davies, “quando minha segunda mulher estava grávida”. Ficamos sabendo, através desse relato sucinto, que Sydney e Charlie eram filhos do seu segundo casamento. Mas nenhuma referência, sequer, ao nome da esposa.

Calculo que por volta de 1932, ao regressar de sua segunda viagem à Europa, que Chaplin conheceu Paulette Godart, que viria a ser a sua terceira esposa. O sacramento ocorreu no curso de uma viagem delês a Honolulu. Mas oito anos depois estavam divorciados.

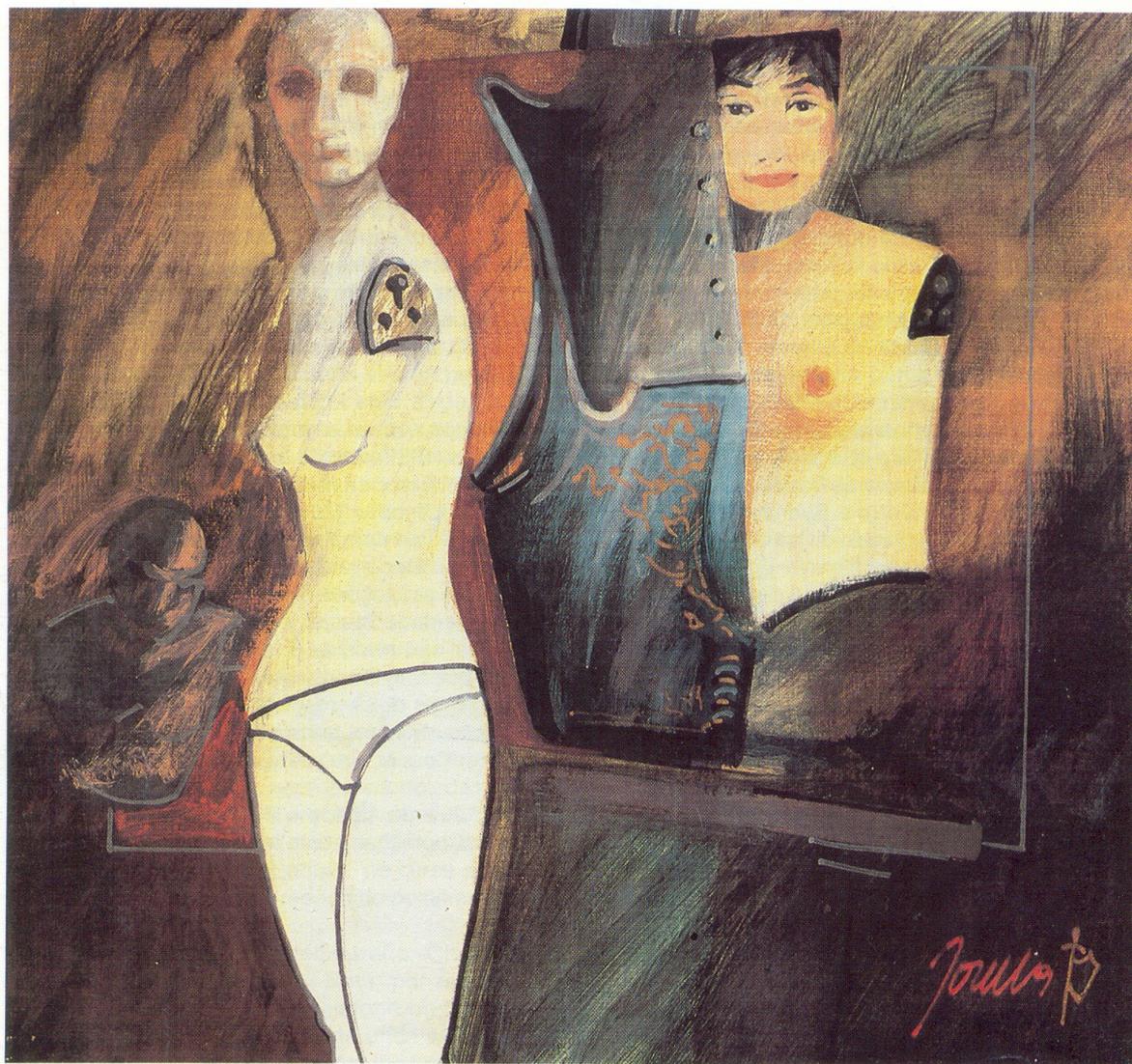
Não só os vários casamentos dissolvidos (três), mas outros envolvimento com mulheres deram dor de cabeça a Chaplin, ao longo de sua vida. Mas o pior deles foi o que ocorreu com Joan

Barry, na época em que conheceu Oona O'Neill, que foi “o acontecimento mais feliz da (sua) vida” e com quem logo se casaria, pela quarta vez. Mas o fato é que Chaplin se viu em maus lençóis por causa do tal incidente, tendo-lhe sido movida uma ação de investigação de paternidade, além de uma ação do Governo Federal, “com o apoio unânime da imprensa, para a qual (ele se) constituíra um patife da pior espécie”. Pode-se imaginar o verdadeiro martírio que sofreu, tendo em vista que “durante catorze meses (teve contra ele), em franca hostilidade, noventa e cinco por cento dos jornais”. Chaplin foi absolvido na ação movida pelo Governo Federal, mas o veredito na investigação de paternidade foi contra ele, em parte, pois embora o exame de sangue o inocentasse, o Juizado de Menores, na condição de tutor, foi autorizado a exigir-lhe uma pensão para a criança.

Quando do lançamento de Monsieur Verdoux, há dez anos que Chaplin era atacado e escarnecido pela imprensa. Tido e havido como comunista, tornou-se impopular. Saindo com a família, em 1952, aos 63 anos, numa viagem de férias pela Europa, vê interdita a sua volta aos Estados Unidos. “Se eu pretendesse regressar, teria antes de comparecer a uma comissão de inquérito no Departamento de Imigração, para responder a acusações referentes a matéria política e indoneidade moral”. Ao fazer essa viagem, já decidira não retornar aos Estados Unidos. E foi assim que ele, Oona e os quatro filhos (eles ainda teriam mais dois), resolveram instalar-se definitivamente na Suíça, onde adquiriram uma bela mansão em Corsier, um vilarejo de 1.350 habitantes.

Juiz de Alçada – RS  
Chpm@zaz.com.br

# Projeto *DivulgaArte*



Capa e Contracapa: Arte de Paulo Porcella, da série "NOSSAS MÁSCARAS"